

Golpe, Jogos olímpicos e o que a experiência brasileira sinaliza para outros países.

Ao terminarem os jogos Olímpicos de verão no Rio de Janeiro uma contrastante realidade é expressa ao mundo: Paralelamente à festa dos esportes e à celebração dos valores olímpicos inclusivos, o golpe parlamentar que afastou a presidenta eleita Dilma Rousseff deixa claro que o Brasil não é mais um Estado democrático. Durante os jogos a repressão a protestos contra o governo interino foi testemunhada por torcedores, atletas e jornalistas de todo o mundo. Na segunda semana do evento, uma decisão do tribunal supremo envergonhado afirmou que seja livre a manifestação (como permite a constituição). Entretanto, na prática, agentes particulares do Comitê Olímpico Brasileiro e policiais militares retiravam dos estádios aqueles iam ou exibiam cartazes contra o governo que assumiu interinamente em maio. Em um golpe a lei é corrompida e passa simples ornamento. A facilidade com que esses episódios foram registrados e difundidos nas redes sociais e na internet não significam que sejam entendidos prontamente os processos que lhes dão gravidade. Em outras palavras, por trás da festa dos jogos se move o levante de forças antidemocráticas que ameaçam este como qualquer país atual.

Mas o que vem acontecendo no Brasil? E o que isso tem de importante para o que pode acontecer em outros países? A velha elite política corrupta e reativa às conquistas sociais inclusivas, Empresas de comunicação monopolistas e comprometidas e a partidarização do poder judiciário pela direita são uma fórmula de sufocamento da cultura democrática que nada têm de exclusivamente brasileira. Nada impede esses agentes presentes em todo o ocidente de operarem golpes ainda sob o olhar distraído de possíveis novas vítimas.

Em maio deste ano, uma coalisão de partidos de centro-direita desfechou um decisivo golpe contra a recente democracia brasileira ao afastar a presidenta eleita um ano antes sob acusação de crime de responsabilidade. Iniciou-se um processo de impeachment e ocorreu a posse do vice-presidente interino Michel Temer, cujo partido saiu da base do governo meses antes. O supremo Tribunal Federal do Brasil concluiu que a presidenta afastada não incorreu no crime de que parlamentares a acusam. Ainda assim, o julgamento segue no senado com a possibilidade de afastamento definitivo da presidenta eleita. Nesta trama, congressistas e lideranças partidárias vinham sendo citados em investigações sobre corrupção envolvendo empreiteiras e a petrolífera brasileira. Políticos de vários partidos foram explicitamente referidos em testemunhos de empresários acusados. Os partidos mais citados foram os partidos que se moveram pelo afastamento da presidente. As investigações pela polícia federal foram adiante, mesmo com acusações inclusive a políticos do partido do então governo do PT. Um juiz de primeira instância tratou de indiciar e ordenar prisões somente de acusados ligados ao partido do governo, não obstante as investigações apontassem o envolvimento dos parlamentares que se articularam para inviabilizar o governo Dilma desde sua eleição. Isto inclui até o próprio candidato derrotado nas eleições presidenciais Aécio Neves, o atual presidente interino, passando pelo ministro das relações exteriores entre outros que passaram de acusados a condutores de investigação. No seu terceiro mês, o golpe parlamentar e os retrocessos de todas as políticas inclusivas brasileiras é o pano de fundo dos Jogos Olímpicos, que o marketing do evento chamou “Jogos da Inclusão”. Como poderia a política ficar invisível?

O uso do esporte e de eventos de grande visibilidade para legitimar regimes são práticas comuns a Estados ditatoriais através da história. Tristemente essa falta de originalidade marca também os Jogos de 2016. De início a escolha do Rio de Janeiro como sede para as Olimpíadas foi festejada pela população. Depois, o processo de *gentrification*, intervenção policial violenta, remoções forçadas e repressão à manifestação política pelo governo local foram deixando claro que a festa olímpica não era para todos. Tampouco o legado das obras faria uma cidade melhor e mais inclusiva, a despeito das intervenções arquitetônicas de embelezamento. A prefeitura e o governo do Estado do Rio de Janeiro são do mesmo partido do Presidente interino à frente do golpe. Há um paralelo na forma como se degenerou o otimismo com que os jogos foram esperados e os rumos da política em todos os níveis de estado. A política de concessão de vantagens fiscais, renúncia de dívidas e subsídios suspeitos levou o estado do Rio de Janeiro a uma situação de crise financeira. Mais que isso, fez da crise o ambiente em que toda decisão de governo

deve ser seguida sem debate, como emergência. Assim, os Jogos Olímpicos foram a festa em uma cidade, um estado e um país em crise. As vaias e protestos que o público dirigiu ao presidente golpista na abertura do evento refletem a decepção quanto às prioridades de uma cidade que se tornou produto para o consumo de poucos. São respostas à radicalização das políticas neoliberais que se legitimam no ambiente da crise que elas próprias produzem e de que necessitam e a evidente violência à democracia que é o golpe.

O esporte, os chamados grandes eventos funcionam para os governos impopulares como forma de transmitir normalidade e até um patriotismo inconsciente e primário. Desta vez não vem funcionando. Há uma forte resistência ao golpe presente em todas as manifestações que envolvem autoridades dos partidos golpistas. A vaia ao presidente interino e os cartazes e gritos de “Fora, Temer!” fizeram com que esta fosse a Olimpíada com menor número de autoridades internacionais presentes e determinou que Temer não comparecesse à cerimônia de encerramento dos jogos. Para o povo há uma clara distinção entre festividade e protesto. Por isso, no Brasil se protesta até durante a festividade. Rimos e escarnecemos dos opressores. Torná-los ridículos os destrona e amedronta.

O que acontece no Brasil é parte de uma ameaça à cultura democrática que também ocorre na Argentina, no México, no Chile e muito clara e midiaticamente nos EUA. Refinar as formas de resistência, como as de análise, é fundamental na tarefa de organizações ocupadas da inclusão. O agir golpista é o próprio agir mafioso quando se converte em forma de governar. A sua mensagem é a de que a democracia não é mais a primordial tarefa da administração pública. O fato de termos as atenções do mundo nas últimas semanas serve de alerta para todos os povos. Menos e mais visíveis. O que o esporte tiver ainda algum poder de unir no espírito olímpico a democracia deve e precisa unir ainda mais urgentemente contra toda forma de corrupção e mistificação.

Entre as frases repetidas nos protestos brasileiros contra o presidente interino Temer é popular a que diz: “LUTAR SEMPRE, TEMER JAMAIS !” . A frase explora a ambiguidade do sobrenome do político que é igual ao verbo “temer” (Ter medo) em português. Se há uma fórmula que compõe os agentes nocivos à liberdade e à democracia, que a experiência brasileira possa também trazer a esperança de que este mal seja superado pela luta sem medo.



(foto de Regina Schmeken para o Süddeutsche Zeitung, de Munique: Presidente interino Michel Temer acompanhado de ministros acusados de corrupção fala a jornalistas nos Jogos Olímpicos atrás da proteção de uma grade contra protestos)